

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
DOUBLE BILL
20 de maio de 2023

BEFORE SUNRISE / 1995 (*Antes do Amanhecer*)

um filme de Richard Linklater

Realização: Richard Linklater / **Argumento:** Richard Linklater, Kim Krizan / **Fotografia:** Lee Daniel / **Montagem:** Sandra Adair / **Música:** Fred Frith / **Direção Artística:** Florian Reichmann / **Figurinos:** Florentina Welley / **Interpretação:** Ethan Hawke (Jesse), Julie Delpy (Céline), Andrea Eckert (a mulher no comboio), Hanno Pöschl (o marido no comboio), Karl Bruckswaiger (o homem na ponte), Tex Rubinowitz (o outro homem na ponte), Erni Mangold (a vidente), Dominik Castell (o poeta de rua), Gaymon Maria Buttinger (o empregado do bar), etc.

Produção: Detour Filmproduction, Filmhaus Wien Universal Filmproduktions / **Produtor:** Anne Walker-McBay / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa, em 35mm, cor, 100 minutos, legendada em português / **Estreia Mundial:** Festival de Cinema de Sundance, 19 de janeiro de 1995 / **Estreia em Portugal:** 12 de Maio de 1995 (Cinemas Quarteto e Amoreiras) / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema.

BEFORE SUNRISE é apresentado em “double bill” com BEFORE SUNSET (“folha” distribuída em separado). A projeção decorre com um intervalo de 20 minutos entre os dois filmes.

Pouco depois de se ter tornado na nova sensação do cinema independente americano com os êxitos obtidos por **Slacker** (1990) e **Dazed and Confused** (1993), Richard Linklater confirmava o seu estatuto de cronista privilegiado da sua geração com esta terceira longa-metragem. À sua escala, a da cena “indie” já com um pezinho no “mainstream” (no qual Linklater mergulharia de cabeça em filmes posteriores, mas sem nunca perder totalmente a sua independência enquanto autor/produtor, ao contrário de tantos outros nomes que trocaram Sundance por Hollywood sem remorsos), **Before Sunrise** foi um caso sério que juntou ao sucesso de público a simpatia da crítica, tendo-se tornado rapidamente num filme de culto, sobretudo junto de uma audiência demograficamente próxima da idade dos protagonistas do filme. Com as devidas distâncias, o par formado pelo *young american* Jesse e a *jeune fille française* Céline foram para muita gente que estava a fazer ou tinha feito a sua entrada na idade adulta nos anos 1990 o equivalente da iconografia e do imaginário romântico da *petite américaine* e do *vilain garçon* que Jean Seberg e Jean-Paul Belmondo davam corpo em **À bout de souffle**. Se o filme de Godard revisitava toda uma genealogia da história do cinema para a relançar para uma modernidade cinematográfica auto-consciente, **Before Sunrise** é evidentemente bem mais modesto nos seus propósitos e nos seus resultados e ficará sobretudo como um filme “do seu tempo”.

À distância de quase trinta anos e depois de duas sequelas pontuadas por nove anos de intervalo (**Before Sunset**, em 2004, e **Before Midnight**, em 2013), com os mesmos protagonistas – e o seu realizador - correspondentemente envelhecidos , **Before Sunrise** parece pelo menos ter mantido algo do seu charme original e será eventualmente o título da trilogia que trabalha melhor a questão central que atravessa a trilogia: pode a centelha que marca o nascimento da paixão amorosa manter-se numa relação romântica que se prolongasse

pela vida fora? Uma das ideias cinematográficas mais interessantes de Linklater para trabalhar essa questão nos três filmes é a extrema concentração temporal e espacial das suas narrativas individuais e a forma como a elipse de nove anos entre cada um deles vai ser depois “preenchida” pelo reencontro com as duas personagens e os respectivos actores. Se as infinitas possibilidades da modelação do tempo pelo cinema e a relação deste com a temporalidade “externa” era também o cerne dessa fascinante experiência de Linklater filmada ao longo de mais de uma década de vida de uma criança tornada adolescente que foi **Boyhood** (2014), de certo modo essa observação da passagem do tempo e da sua tradução cinematográfica já estava no coração desta trilogia. Sabendo-se que não fazia parte das intenções originais do realizador dar uma continuidade à história de amor vivida em Viena num período de menos de 24 horas por Jesse e Céline é ainda mais surpreendente encontrar em **Before Sunrise** tantos sinais dispersos que prenunciavam que essa história não acabaria aqui. Conscientemente ou não, Linklater semeia nos diálogos e nas situações suficientes pistas para nos deixar suspensos na possibilidade de um “e depois?” quando aparecem os créditos finais. Como se os carris do comboio que vemos nos planos iniciais do filme fossem já o símbolo de um caminho que se vai bifurcar para se voltar a juntar mais à frente.

É impossível ver ou rever hoje **Before Sunrise** sem deixar que o nosso olhar de espectador já avisado sobre os desenvolvimentos futuros do relacionamento de Jesse e Céline não interfira na adesão emocional ao *coup de foudre*, tão inevitável como breve, do par. Contudo, ao mesmo tempo, o que se perde em inocência ganha-se em sabedoria e na capacidade de criar um distanciamento que, sem quebrar a ilusão romântica que é o primeiro nível do filme, lhe dá outra densidade (de certa forma, os jovens Jesse e Céline são também já “almas velhas” que, mesmo no momento pleno do enamoramento, não conseguem deixar de falar do tempo que lhe sucederá e do que a passagem do tempo lhes fará). Mas é quando a verborreia constante da dupla se detém (e a “acção” dos três filmes está praticamente toda contida nessas constantes trocas de palavras, marcadas mais pela coloquialidade e pelo cliché do que pela elegante geometria variável do uso dos diálogos de um Rohmer) - em sequências como a escuta partilhada da belíssima canção *Come Here* por Kath Bloom numa loja de discos de vinil, no primeiro beijo dado na roda gigante do Prater (sem sombra de **The Third Man**), no omitido esplendor na relva da sua primeira noite de amor e nos planos finais de alguns dos espaços, agora vazios, que fizeram parte da topografia vienense tão brevemente partilhada por Jesse e Céline - que **Before Sunrise** conserva intacta a sua capacidade primitiva para nos transportar para as nossas próprias memórias do doce pássaro da juventude.

Falámos mais acima de **À bout de souffle**, mas a relevância cultural e sociológica de **Before Sunrise** - na sua elegia por um grande amor perdido pela inelutável separação dos amantes (num tempo agora remoto, ainda sem telemóveis e perfis nas redes sociais, em que isso ainda era possível) - será eventualmente mais próxima da de um **Casablanca** para a “geração X”. Vivendo em tempos bem mais afortunados do que o das personagens de Rick e Ilsa, Jesse e Céline também não deixarão de ter sempre Viena (e Paris e as ilhas gregas...).

Nuno Sena